

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular

Class.: 520

Data: 26.10.83

Pg.: _____

190 O Xavante e O Helenista

Jarbas Passarinho

Felizmente o affaire Juruna parece concluído de modo satisfatório para todos. Mantém a mesa da Câmara a sua dignidade, sem arrogância. Arrogante seria se devolvesse as representações dos ministros, por considerá-las instrumento inadequado à reclamação da justiça, pois parece claro que, no caso, só haveria possibilidade de iniciativa da própria mesa, ou de um deputado, ou finalmente de um partido político nela representado. Haveria margem, e substancial, para que os dirigentes da Câmara de Deputados declarassem inepta, no sentido jurídico, a série de avisos ministeriais. Por seu turno, absorvem os ofendidos as palavras do cacique, mais tomadas como sendo do cacique que do deputado pelo Rio de Janeiro. É uma interpretação razoável, embora fique muito claro que Sr. Mário Juruna não tivesse exatamente a noção do vocábulo ladrão, e o quisesse usar como um julgamento coletivo dos brancos, teria certamente dito: "Todo branco é ladrão", e não especialmente o Sr. Delfim Netto, que coincidentemente é branco, bem assim o próprio Presidente da República. A este, o Governador do Rio sugeriu a benevolência, a generosidade. Não, sei se ele é lido em Maquiavel, mas certamente conhece o remédio do florentino, para o

príncipe, que ele preferia melhor ser temido do que amado. Mas, no meio termo recomendou: "O príncipe deve, todavia fazer-se temer, de modo que, se não conquistou o amor, evite o ódio". Verdade é que Napoleão, ao comentar essa passagem do livro escreveu, ao seu tempo de imperador, que isso é sumamente difícil...

Com efeito, foi excelente que se evitasse, através dos bons ofícios de muitos, um confronto entre o Legislativo e o Executivo, por motivo que parecia à opinião pública, quase unânime, pequeno demais para justificar uma crise institucional.

Resta agora, comparar a defesa que se fez do deputado, enquanto índio, com as palavras preferidas por "civilizados", não muito civis. Houve os que, desejando prestar solidariedade ao Sr. Juruna, preferiram repetir suas acusações grosseiras, mas revestidas do manto protetor da ambigüidade. Houve, contudo, um justamente o supostamente mais qualificado, pois presidente do maior partido de oposição, que preferiu conceder à frase de efeito, dizendo que em vez da coisa pública o que havia, no governo, era a coisa nostra.

É muito mais fácil entender generosamente a algaravia proferida pelo cacique-deputado, na tribuna da Câmara, do que a sentença sibilina do seu colega, a cuja reputação de homem culto se ofenderia gravemente se se dissesse que disse porque não sabe o que diz.